



JOVENS EM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: QUAIS SÃO AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO?

SASSO, Andrea Galdi¹.

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campo Mourão),
dreasasso@gmail.com

FRANÇA, Fabiane Freire².

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campo Mourão),
prof.fabianefreire@gmail.com

INTRODUÇÃO

As discussões sobre as temáticas relacionadas aos Estudos de Gênero, Sexo e Sexualidade, elencam as construções das mesmas de acordo com as relações de poder estabelecidas entre os sujeitos ao longo do momento histórico, cultural, social que se vive (LOURO, 1997; MESOMO, 2004). Partindo desta concepção, utilizamos o termo juventudes no plural, para referenciar o reconhecimento das diversas pluralidades do ser jovem, uma vez que esta “etapa de vida”, também é construída dentro de modelos sociais, culturais e históricos (ABRAMOVAY, 2006).

Propomos responder neste trabalho, o seguinte questionamento: Como abordar e problematizar as discussões dos Estudos de Gênero na modalidade de Educação Não Formal com o público jovem?

Para responder a principal problemática, utilizamos como suporte metodológico e teórico as discussões dos Estudos de Gênero, a elaboração de um questionário prévio (com treze questões), com intuito de analisar a construção de conceitos e como estes influencia na construção das identidades dos jovens. Realizamos uma dinâmica (BRASIL, 2000), tendo como principal objetivo, discutir como os jovens percebem os papéis desenvolvidos por homens e mulheres na sociedade. Utilizamos ainda o filme *Billy Elliot* (DALDRY, 1999), como estratégia de desconstrução e problematização das representações hegemônicas de gênero.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campo Mourão) (2013). Pós-graduanda em EAD e as Tecnologias Educacionais (UniCesumar). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicopedagogia, Aprendizagem e Cultura (GEPAC-UEM-CNPQ).

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campo Mourão). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicopedagogia, Aprendizagem e Cultura (GEPAC-UEM-CNPQ).



O artigo tem como objetivo, problematizar as representações de gênero apresentados por jovens, mediante os dados coletados advindos de uma intervenção pedagógica. Essa prática foi realizada durante um dos estágios supervisionados obrigatórios do 4º ano do curso de Pedagogia (UNESPAR/ Campo Mourão) no ano de 2013 na modalidade da Educação Não Formal, em uma instituição não governamental, que oferta tratamento no regime de internação para dependentes químicos, jovens e adultos (apenas homens), na cidade de Campo Mourão/PR.

METODOLOGIA

O referencial teórico metodológico da abordagem dos Estudos de Gênero com aporte teórico dos Estudos Culturais possibilitou análises e discussões sobre o que é considerado norma, regra e padrão a serem (re)produzidos pela sociedade, tanto na instituição de Educação Formal (escola), quanto nas demais instituições de Educação Não Formal.

A pesquisa-ação participativa (COSTA, 2003), permitiu a convivência com os jovens por meio da prática de intervenção pedagógica, em forma de diálogos e problematizações teóricas a respeito da temática central das representações de gênero e a observação do ambiente que estes jovens convivem.

Ao propor o projeto de estágio supervisionado “Discussões com jovens sobre o conceito de gênero, sexo e sexualidade”, buscamos por meio de um questionário prévio³ - aplicado no período da observação participativa e discutido na intervenção - identificar possíveis (re)construções de alguns conceitos ligados as discussões e representações de gênero, sexo e sexualidade, direcionando as discussões da intervenção pedagógica, com base teórica nos autores supracitados.

Os 05 jovens internos participantes da pesquisa tinham faixa etária entre 16 e 17 anos. Para a dinâmica dividimos os jovens em dois grupos, um grupo ficou responsável por discutirem os papéis considerados de mulheres e o outro grupo com as discussões dos papéis considerados de homens. Solicitamos que os grupos discutissem as possíveis vantagens e desvantagens de ser homem ou mulher e

³ O questionário foi organizado com treze questões e foi respondido individualmente, sem a identificação dos 05 jovens internos até o momento da intervenção.



pedimos para que listassem em forma de tópicos em uma folha de papel, e logo após a intervenção registramos as falas em diário de campo. Após as discussões sobre a dinâmica, utilizamos como apoio para a finalização da intervenção o filme *Billy Elliot* (DALDRY, 1999), que também dialoga com a temática referida.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As propostas de discussões e reflexões acerca da temática de gênero e suas representações ajudam a (re)pensar possibilidades de novos trabalhos e discussões que possam auxiliar e vir a complementar o trabalho dos/as profissionais nas instituições de educação Não Formal e Formal (escola). São várias as situações, como as observadas durante a realização desta intervenção, em que os jovens, de forma intencional ou não pré-julgam os papéis, comportamentos e pensamentos que não seguem os padrões estabelecidos socialmente.

Diante disso, categorizamos a análise teórica dos dados da prática de intervenção pedagógica, em dois momentos. O primeiro momento de análise foi obtido mediante as respostas das perguntas do questionário. E o segundo momento refere-se às discussões da dinâmica, que evidencia o binarismo nas falas e ações dos jovens da instituição de Educação Não Formal.

Tanto nas respostas das perguntas quanto nas discussões sobre a dinâmica, observamos que para os jovens as práticas sociais,

[...] legitimam mecanismos sociais que reforçam como 'natural' – e consequentemente como 'normal' – **para a mulher e para a noção de feminino**: a inferioridade e a subordinação em relação ao homem ('sexo forte') [...] (FURLANI, 2009, p. 136) (grifos da autora).

Tomamos como exemplo a colocação do grupo 01 durante a realização da dinâmica: “**Vantagens de ser mulher**: ser carinhosa, ter responsabilidade, ser educada, trabalhadora, competente, ter mais responsabilidades nos seus estudos, dedicada. **Desvantagens**: “de esperar o filho nascer”, refere-se às dores do parto. E do grupo 02: “**Vantagens de ser mulher**: tem mais determinação, mais comportada, pode ter filhos, mulher mais responsável, casar, deu a luz por Jesus Cristo. **Desvantagens**: ruim ter filhos, hora do parto, o pai quer que ela não saia, nem namora, tem que ser educada, obedecer, é discriminada por alguns homens, corre

risco de ser violentada sexualmente.” (representações dos grupos registradas na íntegra em diário de campo, grifos nossos).

Já as características do ser homem evidenciam outras representações quando comparadas às respostas supracitadas, pois, ainda segundo Furlani (2009, p. 136), “**para o homem e para a noção de masculino**, a superioridade e o poder em relação à mulher (‘sexo frágil’) [...]” (grifos da autora), que corresponde às respostas evidenciadas por ambos os grupos. Grupo 01: “**Vantagens de ser homem**: chefe de casa, ser dono do meu próprio carro, de fazer nossas escolhas, de chegar em casa ter sua esposa te esperando, responsabilidade, fazer a compra no fim do mês para o sustento da sua família. **Desvantagens**: não ter paciência”. No grupo 02: “**Vantagens de ser homem**: mais liberdade, trabalhador, quem inventou o avião, a luz e o Brasil foi o homem. **Desvantagens**: casar, mulher comeu a maçã e inpenhou⁴ os homens.” (representações dos grupos registradas na íntegra em diário de campo, grifos nossos).

Ao final, cada grupo apresentou as opiniões presentes na lista e a experiência de se colocar no lugar do outro - neste caso da mulher -. Aproveitamos para colaborar, argumentando um pouco mais sobre os papéis atribuídos a homens e mulheres pela sociedade ao longo do tempo, que ambos (mulher/homem) constituem-se de identidades próprias, mas, a produção social e histórica os interpela a seguirem padrões estabelecidos culturalmente, nas mais diversas instâncias sociais em que os indivíduos participam e (re)produzem consequentemente.

Em ambos (questionário e dinâmica) ficou perceptível a diferença de valores, comportamentos esperados de homens e mulheres pelos jovens da que frequentam a instituição de Educação Não Formal. Há o predomínio de uma representação patriarcal e heteronormativa do modelo a ser seguido por homens e mulheres e consequentemente a maneira como devem relacionar-se afetivamente.

CONCLUSÕES

⁴ Refere-se a corromper.



Por meio da realização deste projeto de intervenção pedagógica, cabe destacar, que nas análises sobre teoria e prática envolvendo as discussões dos Estudos de Gênero na modalidade de Educação Não Formal, percebemos as relações de poder intrínsecas na figura do gênero como norma social, cultural e histórica, refletidas nos papéis e características ditas masculinas e femininas pelas representações dos jovens.

Por isso, a categoria gênero carrega ao longo do tempo atribuições hierarquizadas, estereótipos e marcas que são impostas e repassadas às gerações sejam por meio das mais variadas formas de linguagem possíveis, e em instâncias duradouras como, em casa, na mídia, na igreja, na escola e demais instituições educacionais como a que retratamos aqui. De outra perspectiva, estas mesmas instituições ao abrirem espaços para dinâmicas como estas podem apresentar discussões sobre essas temáticas, por meio de propostas pedagógicas e de um processo de problematização sobre os pensamentos e as ações cotidianas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia (coord.). **Juventude, juventudes: o que nos une e o que separa**. Brasília: UNESCO, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual do multiplicador: adolescente**. Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

BILLY ELLIOT. Produção de Stephen Daldry. Reino Unido, Working Title Films, 1999. (DVD). Duração: 1h 51min.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Revista Brasileira de Educação. n. 23, p. 36- 61. Mai/ Jun/ Jul/ Ago, 2003.

FURLANI, Jimena. Representações da mulher e do feminismo na mídia impressa brasileira: desconstruindo significados na educação sexual (p.121 a 158). In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Sexualidade**. Curitiba: SEED, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MESOMO, Aliandra Cristina. Educação e Infância: Ensaio sobre poder e controle. **Nuances: estudos sobre educação**, São Paulo, v. 11, n. 11/12, p. 99-113, jan./jun. e jul./dez., 2004.
